**A fé nos espaços intermediários:**

**Santa Clara e o Bem Comum**

**Pelo Padre David B. Couturier, da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos**

Há alguns anos, uma das principais teólogas feministas americanas e a primeira mulher presidente do Seminário Teológico Unido da cidade de Nova York, a Dra. Serene Jones publicou um maravilhoso trabalho teológico sobre a graça na vida moderna.1 Natural de Oklahoma, filha de um teólogo brilhante e renomado, ela escreve o que chama de “teologia da pradaria”, uma maneira realista de falar sobre a graça e o pecado. Em seu capítulo final, ela conta a história do amor de seus pais não nos tons sentimentais da piedade, mas na difícil e dura dor e rejeição.

Depois de muitos anos de um casamento aparentemente feliz e de devoção à igreja, a mãe do Dr. Jones cruelmente revelou que ela estava tendo um longo caso com um amigo da família. Ela detalhou asperamente como nunca amou realmente o marido e, então, cruelmente passou a repetir, dia após dia, como estava decepcionada com o marido e como o relacionamento deles era um desperdício. As revelações chocaram Serene e seus irmãos e devastaram seu pai, que nunca teve a menor ideia sobre o profundo desdém que o único amor de sua vida tinha por ele. Ele continuou a cuidar de sua esposa doente com a mesma devoção de sempre, até o dia em que ela perdeu o controle tortuoso da vida, indo para o túmulo com um espírito de amargura e ressentimento.

A Dra. Jones fala com perspicácia da reação de seu pai à revelação de sua esposa e aos ataques cruéis, da maneira brilhante que apenas uma teóloga feminista pode escrever:

A misericórdia é o processo pleno de perdoar permanentemente perdoador, de viver em um modo de conhecimento e presença divinos. Às vezes, infelizmente, a vida muda de direção, afastando-nos da graça e deixando-nos desolados na desolada terra do pecado.

Meu pai, aos oitenta anos, aprendeu essa dura verdade no dia em que soube da infidelidade de minha mãe. Ele a perdoou por sua mentira e nunca sentiu que ela deveria ser punida por isso ou lhe desejou qualquer dano. Ele a perdoou porque viveu com o conhecimento constante da misericórdia. Ele sabia que ela era uma mulher sofrida. Mas ele não conseguia conciliar o que ela havia feito com sua visão mais ampla de Deus e o último significado da vida humana. Foi como se a traição dela jogasse uma pedra enorme no meio de seu sistema de crenças fundamentais, quebrando seu senso do divino e todas as verdades teológicas que ele pensava ter.

Ao observar como essa situação sucedia me fez lembrar dos traumas dos pacientes com os quais trabalhei como pastor. Quando o mundo de uma pessoa é violentamente explodido por um evento que excede sua capacidade de entendê-lo - geralmente porque não faz sentido ou não poderia ter sido previsto ou interrompido - os processos de pensamento comuns se congelam. Tudo deixa de fazer sentido. De repente, nos sentimos impotentes, desconectados dos outros e facilmente assustados ou com medo do próximo golpe previsto. É um lugar infernal para ficar preso.2

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

 Serene Jones, *Call it Grace,* (Nueva York: Viking, 2019).

2 Serene Jones, *Call it Grace*, 295-296.

Serene continuou detalhando como a traição de sua mãe destruiu a base teológica de seu pai e como seu desinteresse pela vida desencadeou o questionamento da religião por toda a família. Toda a rede de fé que unia suas vidas estava se desfazendo. Serene nos conta de forma brilhante por quê:

A fé vive no espaço intermediário de nossos relacionamentos, nosso tecido conectivo. Quando esse tecido se rompe, todo o grupo sente a ruptura.3

Hoje, quero falar sobre os espaços intermediários de nossas relações. Todos nós vivemos em uma época de graves rupturas sociais, culturais, políticas e religiosas. Nos últimos dois anos, vivemos uma época de distanciamento social, isolados uns dos outros em nossas casas e às vezes até mesmo em nossos quartos, longe das relações que dão sentido à nossa vida e sustentam nosso espírito. A pandemia revelou níveis ainda mais profundos de polarização, desconfiança e divisões entre nós. Embora tenhamos feito um avanço notável na ciência, aplicá-la foi comprometida por um distúrbio em nosso espírito como nação, nossa confiança na união que nos une. Como David Brooks nos lembrou recentemente:

Em 2020, os Estados Unidos falharam em se distanciar socialmente e em seus testes contra o coronavírus e sofreram uma das maiores taxas de infecção e mortalidade no mundo desenvolvido. Milhões decidiram que usar máscara infringia sua liberdade individual.

Os americanos sempre foram individualistas que não gostam que digam o que fazer. Mas, em tempos de crise, eles historicamente ainda tiveram a capacidade de formar o que Alexis de Tocqueville chamou de “corpo social”, uma comunidade coerente capaz de ação coletiva. Durante a Primeira Guerra Mundial, por exemplo, milhões serviram em casa e no exterior para vencer uma guerra distante, respondendo a cartazes de recrutamento que diziam “Eu Quero Você” e “Todos os Americanos”.

Esse senso básico de povo, de pertencer a uma empresa comum com um destino compartilhado, é exatamente o que está faltando hoje. 4

Algo se quebrou no espaço intermediário de nossas relações sociais, algo no tecido conectivo daquilo que nos une como povo se rompeu. Os resultados são perigosos e assombram nosso caráter nacional. A insurreição do Capitólio dos Estados Unidos por apoiadores da oposição, nacionalistas e supremacistas brancos é um testemunho de nosso frágil estado cultural.

Mais uma vez, David Brooks escreveu: “A confiança social é uma medida da qualidade moral de uma sociedade - se as pessoas e instituições nela são confiáveis, se cumprem suas promessas e trabalham para o bem comum”. Ele continua sugerindo: “Quando as pessoas em uma igreja perdem a fé ou a confiança em Deus, a igreja entra em colapso. Quando as pessoas em uma sociedade perdem a fé ou a confiança em suas instituições e umas nas outras, a nação entra em colapso”. 5 Uma pesquisa recente da Pew descobriu que os nos Estados Unidos, as pessoas estão perdendo sua confiança nas instituições; a confiança mútua está se desgastando.6

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

3 Serene Jones, *Call it Grace,* 297.

4 David Brooks, “Our Pathetic Herd Immunity Failure,” *New York Times* (May 6, 2021).

5 Brooks, 2021.

6 Lee Rainie, Scott Keener, and Andrew Perrin, “Trust and Distrust in America,” (July 22, 2019), at: pewresearch.org/politics/2019/07/22/trust-and-distrust-in-America/.

A organização internacional de expertos chamada *More in Common* (mais em Comum), divulgou um relatório em maio de 2021, que pesquisou os níveis de confiança e desconfiança nos Estados Unidos. Seu resumo é impressionante.

Toda democracia depende de um nível mínimo de confiança entre seus cidadãos e em suas principais instituições de governo, negócios e sociedade civil. Atualmente, no entanto, os Estados Unidos ficam aquém desse ideal. De acordo com a pesquisa de *More in Common*, menos de um em cada quatro americanos acredita que o governo federal, as corporações americanas e a mídia nacional sejam honestas. Essa desconfiança também não se limita às instituições: menos de dois em cada cinco americanos sentem que “a maioria das pessoas é confiável.”7

Gostaríamos de acreditar que o colapso da confiança social entre nós é temporário e que nossa desconfiança se dissipará e desaparecerá assim que a pandemia acabar. No entanto, George Packer, em um artigo no *The Atlantic* em junho passado, diz que a pandemia não quebrou a América, mas revelou que o dano já estava feito:

Quando o vírus chegou aqui, ele encontrou um país com graves problemas subjacentes e os explorou implacavelmente. Males crônicos - uma classe política corrupta, uma burocracia esclerosada, uma economia sem coração, um público dividido e distraído - não foram tratados durante anos. Aprendemos a conviver desconfortavelmente com os sintomas. George Packer, Revista *The Atlantic* (junho 2020)8

O que está se desgastando é o senso de confiança social entre nós. Nossa política se tornou irremediavelmente polarizada e paralisada, à medida que fomentamos “guerras culturais” e ignoramos o surgimento de regimes autoritários, mesmo em nações outrora democratizadas. Assistimos à escalada dos regimes de apartheid de linha dura e do genocídio patrocinado pelo Estado, ao aumento dos ataques raciais e ao aprofundamento do abismo entre poucos privilegiados e muitos pobres afetados pela pobreza no mundo.

O que está se perdendo é o senso do “bem comum”. Filosofias de individualismo, autonomia e escolha substituíram um bem social que coordena todos os bens privados e nos permitiria construir uma sociedade onde todas as vozes são ouvidas e todos os direitos são protegidos. Perdemos nossa confiança de que tal ideal é possível ou digno de ser perseguido. Em vez disso, reduzimos todas as ações a lutas entre interesses próprios privados, onde apenas a dinâmica do poder prevalece. Cada opinião é suspeita de um desejo de dominar ou privar. A mediação nunca é sobre um bem social superior ou mais transcendente. É simplesmente uma contagem utilitária de votos e cabeças em que existem apenas duas escolhas inevitáveis: vencedores e perdedores. Voltamos à antropologia pessimista de Thomas Hobbes, de que vivemos inevitavelmente em uma “guerra de todos contra todos.”

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

7 More in Common, *Two Stories of Distrust in America,* mic\_two-stories-of-distrust at: moreincommon.com/our-work/publications/.

8 George Packer, “We are living in a Failed State,” *The Atlantic* (June 2020).

Precisamos fazer algo novo, algo mais radical do que a ênfase de nossas décadas em independência, autonomia, autorrealização e escolha pessoal. Precisamos pensar sobre nosso bem comum. Precisamos refletir não tanto sobre o espaço onde cada um de nós pode ser livre e se expressar aberta e honestamente. Precisamos estar conscientes e atentos ao tecido conectivo que nos vincula, não só aqui no Capítulo, não só aqui e entre a América, o Brasil e a Jamaica. Mas, aqui na grande teia de relacionamentos que temos com um mundo global.

Não vai ser fácil. Ainda vivemos em uma sociedade altamente racializada, onde a cor da pele e a textura do cabelo continuam a condicionar o avanço social, o acesso ao ensino superior, os níveis de cuidados médicos, segurança nas ruas e emprego no local de trabalho. Ainda vivemos em uma sociedade grosseiramente baseada em classes, apesar de nossos adorados hinos sentimentais à democracia e igualdade, onde as disparidades de renda estão aumentando, a pobreza está se aprofundando e as classes média e baixa das famílias americanas são menos ricas hoje do que eram duas ou três décadas atrás. Tudo porque a classe rica tem suas mãos nas alavancas do poder político e agora são capazes de manipular a realocação de distritos eleitorais, nomear seus aliados nos tribunais e restringir a votação para atingir seus propósitos.

Estamos aqui hoje porque queremos falar e agir com fé. Sabemos que somente a força da fé pode resolver a desconfiança social que nos aflige. Somente a fé pode fornecer a vontade política de contribuir para o bem social e somente a fé pode desenvolver em nós a conversão de imaginações e visões de mundo necessárias para construir um bem comum que seja durável e justo.9

Hoje quero aproveitar o momento para falar com vocês sobre outra teóloga, a primeira mulher franciscana, Clara de Assis. Quero discutir com você sua visão e sua prática do bem comum. Acredito que seja uma oferta paliativa ao nosso mundo polarizado hoje. Vai desafiar a maneira como vivemos nossa vida espiritual e social. Exigirá uma conversão de nossa imaginação e visão de mundo, o aspecto mais difícil de conversão que existe.

**Clara e a conversão da sua imaginação**

Enquanto Francisco fazia parte da classe comerciante ou trabalhadora de Assis, Clara cresceu com o status e os privilégios da classe alta como parte da nobreza de Assis. Ela viveu uma vida protegida, supervisionada, subordinada e controlada pelos homens de sua família. Até o dia em que ela decidiu fugir e abandonar seu estilo de vida privilegiado e se tornar, aos dezoito anos, a primeira mulher do movimento franciscano, jurando pobreza absoluta e determinada a viver um estilo de vida austero e generoso como caracterizou Francisco que foi doze anos mais velho.

Ela foge no meio da noite do Domingo de Ramos e passa pela “porta da morte” (a porta do castelo que era usada apenas para transportar cadáveres para fora do castelo e como uma fuga de emergência durante tempos de agitação civil). Ela se dirige a Francisco, recebe a tonsura, renuncia à nobreza e se torna penitente pública, segundo o modelo de Francisco e seus primeiros frades.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

9 Lisa Cahill descreve esses três requisitos de vontade política, conversão da imaginação e agência construtiva como os ingredientes necessários para o bem comum. Lisa Sowle Cahill, “Social Justice and the Common Good: Improving the Catholic Social Teaching Framework”, *Journal of Moral Theology*, Vol. 1 Issue CTEWC Series 1 (19 de maio de 2021), 106-118 em: https: //jmt.scholasticahq.com/article / 24217.

Clara saiu da vida doméstica e protegida que a nobreza exigia dela. Ela se recusou a seguir o roteiro das mulheres na Idade Média, que exigia que as mulheres fossem obrigadas a receber ordens, toque de recolher e acompanhadas. Ela recusou as normas de gênero que a vinculavam a um casamento arranjado. Ela vende seu dote e sua herança. Portanto, ela se liberou para assumir a liberdade total da pobreza absoluta.

Nos vinte e sete anos em que Clara sobreviveu a Francisco, ela nunca superou sua memória ou desistiu de lutar para ser uma comunidade austera e pobre como a que Francisco criou quando fundou o movimento franciscano. Ela se via a si mesma e a suas irmãs como membros iguais da Primeira Ordem e do movimento franciscano original. No final de sua vida, ela faz greve de fome para proteger sua pobreza absoluta, mas também para garantir o acesso de suas irmãs aos irmãos da Primeira Ordem.

O direito canônico estava sendo interpretado de tal forma que restringiria o acesso dos irmãos às irmãs menores. Isso era inconcebível para Clara. Como as irmãs poderiam viver sem seus irmãos; como os irmãos poderiam sobreviver em fraternidade sem suas irmãs? É preciso lembrar que, a essa altura, Clara havia vivido décadas dentro da espiritualidade da “ordem cósmica” de Francisco, uma cosmologia de uma “fraternidade universal” que incluía irmãos e irmãs menores, Irmão Sol e Irmã Lua, com mãe / irmã terra. Não se poderia conceber um mundo onde o irmão sol se recusasse a reconhecer ou trabalhar em harmonia com a irmã lua. Clara também não conseguia entender um movimento franciscano em que o acesso entre irmãs e irmãos fosse rejeitado, negligenciado ou canonicamente interrompido. Sua greve de fome foi uma forma forte e altamente feminina de reivindicar o movimento franciscano como uma realidade bissexual, uma igualdade de gênero entre mulheres e homens.

Pode-se ver a coragem e inteligência radicais de Clara em usar seu corpo como uma ferramenta de resistência. Como Francisco, que regularmente usava seu corpo como um importante significante de poderosas afirmações doutrinárias (ou seja, ficar nu em praça pública, na neve e em seu leito de morte)10, Clara usou seu próprio corpo para envergonhar a Igreja a reconhecer e respeitar a natureza radical de discipulado feminino.

No final de sua vida, Clara se reusou a comer até que o Papa garantiu que suas irmãs podiam viver a pobreza de forma tão absoluta e plena como os homens e que suas irmãs tenham acesso igual e irrestrito aos irmãos, a seu critério e não por consentimento de algum protetor cardeal masculino. Poucos dias antes de sua morte, o Papa concedeu a Clara e suas irmãs “o privilégio da pobreza”. Foi uma conquista ainda mais impressionante. Poderíamos chamá-lo de forma mais ampla, “o privilégio da caridade mútua e do bem comum”.

**Santa Clara e o Bem Comum**

Seria errado e bastante reducionista interpretar a ênfase de Clara na pobreza apenas em termos ascéticos. Claramente, ela entende e valoriza os benefícios da penitência, mas a pobreza serve a um objetivo maior. É o seguro da vida relacional que ela e suas irmãs desejam viver. É a garantia da “caridade mútua” em torno da qual tudo o que fazem e rezam se concentra.11 Clara está rejeitando a dinâmica de poder de sua época que agrupava as pessoas de acordo com a classe em que nasceram e para a qual estavam destinadas a viver pelo resto de suas vidas. Não há mobilidade ascendente, como a conhecemos, na Assis de sua época.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

10 Marco Bartoli, *Francis’ Nudity.* Gilberto Cavazos-Gonzalez, trans. (St. Bonaventure, NY: Franciscan Institute Publications, 2021).

1 Jean Molesky-Poz. “Saint Clare of Assisi: May you Go Forward Securely,” *Journal of World Christianity* 7:1 (2017) 9-27.

Existem apenas arranjos hierárquicos, privilégios pré-determinados e acesso garantido ao poder e posição para os poucos que foram “escolhidos por Deus” para herdar os bens da terra. Apenas os maiores têm garantidos os direitos primários aos bens do mundo e, por isso, todos os outros têm que implorar suas indulgências, pedir seus favores e mostrar-lhes o respeito divinamente ordenado que eles acreditam ser o devido.

A vida minoritária que Francisco e Clara vivem implora por tudo isso. Clara vê um princípio mais elevado em ação no mundo: “o amor que Deus tem por nós”. É o amor relacional existente em Deus como Pai, Filho e Espírito Santo e derramado em e por nós como energia e exemplo. Para Clara, a prática da “caridade mútua” orienta a maneira como ela atua como líder da comunidade.12

Embora sobrecarregada com o título de “abadessa”, Clara nunca pratica esse título em sua forma tradicional. Se uma abadessa é, em certo sentido, uma “primeira entre iguais”, então o conceito de minoria de Clara a leva a se considerar a “última entre as menos”. É a partir dessa posição de humildade, abnegação e autoanulação que Clara serve às irmãs lavando suas mãos e seus pés, tomando decisões pela vida em comum, orando e trabalhando umas com as outras. A caridade mútua não tem nenhum indício de dominação ou privação.13 O objetivo de todas as discussões da comunidade não é apenas chegar a um consenso de vontades ou atingir algum ponto de inflexão agregado de interesses privados. O ponto final é o “bem comum”, a forma dinâmica que torna a vida da comunidade vibrante e inspiradora, inclusiva e capacitadora.14 A caridade mútua é o bem comum que faz com que todos os interesses pessoais e integridade individual prosperem para um e para todos.

**A liberdade de viver a caridade mútua**

Uma das liberdades que Clara busca encontrar no movimento franciscano é a de buscar, antes de tudo, uma vida intencional.15 Ela está procurando viver uma vida que ela mesma criou, seguindo suas próprias persuasões do Evangelho. Ela viveu toda a sua adolescência segundo os ditames da cultura e das convenções. Ela fez o que era exigido dela como uma boa e nobre mulher cristã de fé. Ela quer mais, não contra ou em oposição à Igreja, mas profundamente dentro dela. Ela não pretende se afastar da fé para perseguir seus sonhos. Os seus sonhos residem profundamente na Igreja, porque se centram profundamente e com clareza em Cristo. São tão profundos que nem mesmo os homens e mulheres de seu tempo reconhecem sua origem. Levará tempo para que as pessoas e os padres de sua idade entendam ou apreciem como as intenções de Clara constituem um novo carisma espiritual na Igreja.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

2 Para uma revisão da forma de liderança de Clara, consulte: Mareike Gerundt and Markus Wrode, “How Clare of Assisi Guided Her Sisters, Impulses for Today’s Leadership Context,” *Religions* 9: 11 (2018), doi:10.3390/rel9110347, acessado em: www.mdpi.com/journal/religions.

13 For definitions of Clare’s understanding of mutual charity, see: Margaret Carney, “Clare’s Incarnation of Mutual Charity,” in *The First Franciscan Woman: Clare of Assisi and her Form of Life* (Quincy, IL: Franciscan Herald Press, 1993), 139-172.

4 Lisa Sowle Cahill, “Social Justice and the Common Good: Improving the Catholic Social Teaching Framework,” *Journal of Moral Theology,* Vol 1 Issue CTEWC Series 1 (May 19, 2021), 106-118 at: <https://jmt.scholasticahq.com/article/24217>.

5 David B. Couturier, “The Seven Freedoms of Saint Clare and the Transformative Power of Women in Health Care Today,” *Franciscan Connections* 69:1 (2019), 15-22.

Seu sonho tem profunda ressonância com as tradições místicas encontradas na teologia eucarística.16 Clara tem uma visão da comunhão desde muito jovem. Eles darão frutos nas gerações vindouras.

Assim, Clara busca viver uma vida intencional de compaixão e uma forma feminina de caridade mútua. As formas de vida religiosa vigentes em seu tempo funcionam para fins de hierarquia, de separação de poderes, de controle das paixões e do bom andamento dos hábitos de vida religiosa. Os “bons religiosos” vivem de acordo com a lei e a ordem do decoro religioso e encontram a vontade de Deus de forma precisa e inequívoca, obedecendo aos comandos de um superior religioso.

Clara está procurando outra coisa. Ela queria encontrar a vontade de Deus em mutualidade e interdependência. Ela acreditava fortemente que a vontade de Deus devia ser encontrada precisamente no tecido conectivo entre nós.

Aqueles que sofrem de artrite reumatoide (AR) podem nos ensinar uma grande lição aqui. A artrite reumatoide é fundamentalmente uma inflamação do tecido conectivo que une as articulações umas às outras, permitindo a função digital e a locomoção ambulatorial, nossa capacidade de andar.17 Com o tempo, o tecido fica cada vez mais inflamado e então começa a erodir e se deteriorar, deixando o osso arranhar o osso, destruindo a flexibilidade e agilidade e causando uma dor enorme. Com artrite reumatoide, nossas articulações não funcionam mais bem juntas.

Eu gostaria de usar essa imagem para a nossa situação na sociedade e na igreja hoje. O tecido conectivo que nos une uns aos outros na sociedade e na igreja está se desgastando. A dor que estamos experimentando não está tanto em torno de dogma e ensino, mas em torno do tecido conectivo entre nós, nos espaços intermediários que nos dão nossa flexibilidade, agilidade e capacidade para agir com propósito e paixão.

Hoje precisamos de mulheres e homens na religião que valorizem e, de fato, sejam apaixonados pela importância do tecido conectivo no Corpo de Cristo. Temos olhos para ver e ouvidos para ouvir as alegrias, ansiedades, esperanças e sonhos desta época, e ainda assim somos prejudicados em nossa capacidade de agir com flexibilidade e agilidade, porque osso agora está raspando contra osso, junta contra junta. Precisamos de mulheres e homens que estejam dispostos a reparar o tecido conjuntivo entre nós.

Chega de bispos “guerreiros da cultura” das últimas décadas que parecem amar o som de osso contra osso! Chega dessas religiosas e religiosos cuja voz na Igreja é apenas de protesto e provocação. A inflamação quando sustentada é corrosiva da agilidade e flexibilidade que o povo de Deus precisa para responder às mudanças em um momento de acelerações extremas.18

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

6 Para uma visão geral da espiritualidade de Clara, veja Joan Mueller, o extenso trabalho da OSC: *A Companion to Clare of Assisi: Life, Writings, and Spirituality* (Brill, 2010); *The Privilege of Poverty: Clare of Assisi, Agnes of Prague, and the Struggle for a Franciscan Rule for Women* (Pennsylvania State University Press, 2006); *Clare of Assisi: The Letters to Agnes* (The Liturgical Press, 2003); and *Clare’s Letters to Agnes: Texts and Sources* (The Franciscan Institute, 2001); para uma compreensão dos usos (e abusos) da teologia eucarística de Clara através da era pós-Tridentina, veja: Nirit Ben-Debby, “St. Clare Expelling the Saracens from Assisi: Religious Confrontation in Word and Image,” *The Sixteenth Century Journal* , 43:2 (Fall 2012), 643-665.

7 Para uma breve análise dos sinais, sintomas e tratamento da artrite reumatóide, veja: “Rheumatoid Arthritis,” em: <https://www.mayoclinic.org/diseases-conditions/rheumatoid-arthritis/symptoms-causes/syc-20353648>

8 John P.Kotter et al., *Change: How Organizations Achieve Hard-to-Imagine Results in Uncertain and Volatile Times* (New York: Wiley, 2021).

A política de identidade dos anos 1980 e 1990 e as reações a ela nas primeiras décadas dos anos 2000 nos paralisaram e paralisaram no governo.19  A insurreição é a trágica consequência da alienação e do isolamento que os interesses privados e a economia competitiva agressiva criam.

O exercício comparável de política de identidade na igreja levou a cães de guarda da heresia, grupos militantes da igreja, polícia litúrgica, o armamento da comunhão 20 e uma experiência aprofundada de alienação e isolamento dentro do que se supõe ser “a comunidade do Amado.” 21 Como resultado, nós também, como igreja, parecemos estar enfraquecidos em nossa capacidade de responder aos desafios éticos do dia, incluindo a degradação ecológica do planeta, o aumento perigoso da violência e do terrorismo, o desenvolvimento explosivo da pobreza extrema, especialmente entre mulheres e crianças, e a crescente “globalização da indiferença” em relação à própria vida.22

Precisamos de especialistas que sejam apaixonados pelos tecidos conectivos da Igreja e que estejam comprometidos com sua cura, quando e onde eles estiverem inflamados ou erodidos. Não é mais suficiente ficar do “lado certo” de uma questão. Certeza dogmática, seja à esquerda ou à direita, não é o que é necessário hoje. Precisamos abrir mão da segurança de nossos dogmas pessoais e da segurança de nossos espaços privados e escolhas autônomas. Não basta ficar dentro dos parâmetros seguros do pensamento de tolerância que interrompe o diálogo e a discussão quando cada pessoa atingiu seu nível máximo de autonomia e escolha. Tolerar os tons ásperos de osso contra osso, desde que todos sejam sinceros em suas crenças pessoais, ainda é doloroso e paralisante.

Precisamos amar e ser apaixonados por nossos tempos e lugares intermediários. Precisamos nos unir cada vez mais profundamente. Precisamos nomear o que nos conecta não apenas na teoria, mas também na prática real. Devemos proteger e valorizar os rituais, eventos e comportamentos comuns que nos unem. Precisamos ajudar outros a aprender a apreciar e aprofundar o que os conecta em suas famílias, vizinhanças, igreja e mundo. Este é um grande e oportuno empreendimento profético: curar os lugares intermediários que foram inflamados pelo estresse de uma época cada vez mais agressiva e isolada.

**Clara e o reparo de nossos tecidos conectivos**

Clara conhecia as tensões e problemas de sua idade violenta e gananciosa. Ela percebeu como seu mundo se tornou traumatizado pelas guerras sem fim que colocaram a nobreza contra os mercadores e isolaram os pobres na miséria e na doença. Em seu mosteiro de San Damião, ela desenvolveu uma metodologia e uma prática espiritual sobre como reparar e restaurar tecidos conectivos que ficaram inflamados.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

9 Anne Applebaum, *The Twilight of Democracy: The Seductive Lure of Authoritarianism* (New York: Doubleday, 2020).

20 “A Eucaristia nunca deve ser instrumentalizada para fins políticos, por mais importante que seja”, disse o Bispo Robert McElroy de San Diego em um ensaio publicado em 5 de maio no site da revista America; veja: Robert McElroy. “The Eucharist is Being Weaponized,” em: https://www.americamagazine.org/faith/2021/05/05/joe-biden-communion-eucharistic-exclusion-abortion-us-bishops-240596.

2 Brandon McGinley, “The Rise of Identity Catholicism,” *Washington Post* (October 12, 2020), <https://www.washingtonpost.com/opinions/2020/10/12/catholic-identity-politics-supreme-court-congress/>; James Kalb, “Identity Politics and Church Teaching,” *Crisis Magazine* (October 4, 2017): <https://www.crisismagazine.com/2017/identity-politics-church-teaching>.

22 David B. Couturier, “The Globalization of Indifference,” *Franciscan Connections: The Cord* 65:1 (2015), 14-19.

Jean Molesky-Poz demonstra o que ela chama de “práxis da presença” de Clara, o caminho que leva de uma cultura de isolamento e interesse próprio para uma cultura de caridade mútua e bem comum. Usando as Cartas de Clara a Agnes, ela destaca quatro passos para a caridade mútua. Vou usá-los, mas expandir sua análise e desenvolver uma teoria do estágio que leva ao reparo dos tecidos conjuntivos em nossas comunidades.

Em primeiro lugar, devemos contemplar e prestar atenção à singularidade de nossas próprias vidas, com atenção especial a todos os nossos relacionamentos, a todas as nossas conexões sociais e religiosas. As Escrituras nos dizem que fomos “unidos no ventre de nossa mãe” (Salmo 139). Desde o primeiro momento de nossa existência, estamos conectados a outras pessoas. Precisamos olhar e contemplar todos aqueles a quem estamos ligados, todos que nos fizeram e que continuam a nos tornar quem somos no mundo. Não me refiro apenas aos amigos e parentes óbvios, mas também à grande teia de mulheres e homens comuns, que nos alimentam, nutrem, confortam, desafiam, educam, apoiam e sustentam. Estou pensando naqueles que levam comida para nossas despensas, receitas para nossos armários de remédios, gasolina para nossos carros, luzes para nossas escrivaninhas, água para nossas torneiras e palavras para nossos ouvidos. Entre na catedral da sua vida e contemple todas aquelas pessoas, conhecidas e desconhecidas, que o sustentaram desde que você nasceu. Olhe para eles. Olhe para eles. Aprecie o que eles fazem por você, como eles o apoiam e sustentam a cada dia e em todos os momentos de sua vida.

Em segundo lugar, considere que esta assembleia de apoio é mais profunda e mais ampla do que você jamais imaginou. Não é composto apenas de amigos, vizinhos, conhecidos, colegas de classe e bandas. Você pertence e se conecta a uma fraternidade universal que inclui todas as criaturas na terra, no céu e sob as ondas. Você está relacionado e conectado a todas as espécies do planeta, todos os pássaros do céu e todos os peixes do mar dependem de você e esperam que você os reconheça e ame também. Você compartilha a composição interna dos planetas mais distantes e bilhões de estrelas em toda a extensão inimaginável do universo. Você não está sozinho. Você não está isolado. Você ainda precisa entender o comprimento, altura ou profundidade de seus laços no mundo criado.

O Papa Francisco, em sua encíclica Laudato Si, foi eloquente e insistiu na necessidade de considerarmos a fraternidade que todas as criaturas da terra têm umas com as outras. 23 Devemos considerar e reconhecer esta grande irmandade e fraternidade, reconhecendo não apenas sua existência no planeta, mas aceitando seu direito de louvar a Deus e servir a vontade de Deus à sua maneira, sem perigo da humanidade. O ensinamento social da Igreja agora nos implora que consideremos o que nossa irmandade e irmandade com eles significa e exige de nós a Igreja agora implora que consideremos o que nossa irmandade e irmandade com eles significa e exige de nós. 24

Considerar desenvolver em nós um novo significado, propósito e intencionalidade de que viremos à Mãe Terra não para saquear e lucrar com ela, mas primeiro para ouvi-la profundamente, com atenção e respeito em todas as maneiras que ela fala. Ouviremos com atenção o coro dos pássaros cantando louvores a Deus pela manhã e assistiremos a grande obra realizada por todas as criaturas de Deus de manhã à noite. Considerar é reconhecer como todas as criaturas de Deus servem a Deus e nos apoiam na humildade e na beleza que Deus deu a cada uma delas.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

23 Francis, 2015. *Encyclical letter Laudato si' of the Holy Father Francis*. 1st ed. <https://www.vatican.va/content/francesco/en/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>.

24 David B. Couturier, “The Theology of Risk in Laudato Si: An Ecological Formation,” *Educatio Catholica* (2020), 37-52.

Em terceiro lugar, Clara nos chama a contemplar o amor que é a energia por trás e a força de ligação que conecta todas as criaturas umas às outras. Este é um passo mais profundo do que consideração. É a incrível compreensão, como Dante diz no final de Il Paraíso, de que é “o amor que move o Sol e as outras estrelas”. (Canto XXXiii, 145.) Esta é uma compreensão profunda - que, na raiz de tudo o que nos une e tudo o que compartilhamos, não estão princípios vagos ou equações científicas abstratas. Olhar e considerar nos leva à compreensão avassaladora e ao humilde reconhecimento de que é o Amor que nos une e nos une uns aos outros. O Livro da Criação nos fala e confirma que o que vai curar os danos causados às nossas comunidades políticas, sociais e religiosas nada mais é do que o amor generoso e receptivo. Devemos permitir que a energia do amor encontrada entre as criaturas nos reconcilie, reconecte e nos relembrem de todas as partes de nossa humanidade e de todas as partes do mundo das criaturas, especialmente aquelas partes das quais nos ignoramos ou desconectamos.

Finalmente, Clara nos chama para *consertar* nosso lar comum. Tornou-se um clichê contemporâneo que a hierarquia forçou Clara a um invólucro prejudicial. Alguns sugerem que ela nunca quis uma vida contemplativa e só aceitou com relutância o que os homens a forçaram. Não tenho absolutamente essa impressão de Clara.

Ela nunca pareceu se importar por não estar “nas ruas”, ou fazendo ministério nas paróquias ou ao redor do mundo. Ela sabia o que queria e construiu sua vida com coragem, convicção e confiança, com base nos desígnios de sua mente profética profunda. Ela construiu uma casa comum e reparou o isolamento e a alienação que suas irmãs haviam experimentado em suas próprias vidas convencionais. Ela fez isso cuidando meticulosa e apaixonadamente dos tecidos conjuntivos que uniam as irmãs umas às outras.

O padre Edward Coughlin, da Ordem dos Frades Menores nos ensinou há muitos anos como Clara costumava construir uma comunidade em torno de uma instituição de caridade mútua intencional.25 Ela fez isso de quatro maneiras. Ela respeitou suas irmãs e mostrou-lhes um profundo calor, carinho e cuidado nos momentos ordinários e extraordinários de suas vidas juntas. Ela era responsável e prestava contas a suas irmãs. Ela nunca foi indiferente, acima ou distante de suas irmãs. Ela estava sempre presente para eles. Além disso, Clara estava disposta a mudar por eles, tornando-se cada vez mais humilde, gentil, atenciosa e compassiva.

**Conclusão**

Há cinco anos, o Papa Francisco implorou ao mundo que desse uma “opção preferencial” não só aos pobres, mas também ao planeta, porque agora ambos são abusados, marginalizados e excluídos em prol dos lucros imediatos e ganhos econômicos de curto prazo. Ele nos lembrou que devemos recuperar o que estamos perdendo: nossas conexões dentro de nosso “lar comum”.

Repetidamente, o Papa tem focado nossa atenção no que temos e no que temos em comum. Ele nos chamou a prestar atenção aos tecidos conectivos entre nós, para ir além da obsessão filosófica e teológica que temos com nossos direitos individuais, nossos interesses privados e nossas escolhas autônomas. Ele nos pede para

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

25 F. Edward Coughlin, “Clare of Assisi: A Paradigm of Building Partnership,” em *Clare of Assisi: A Medieval and Modern Woman, Clarefest Selected Papers,* ed. Ingrid Peterson, OSF, Clare Centenary Series, vol 8 (St. Bonaventure, NY: Franciscan Institute Publications, 1996), 203-217.

ir além de uma ideologia que simplesmente tolera os direitos individuais, mas ignora os bens comuns. Ele nos convida a aprofundar e expandir nossa compreensão da diversidade.

A diversidade é mais do que o acúmulo de diferenças. O Papa está sugerindo que a diversidade só é possível quando existe um ecossistema que permite que diferentes espécies existam, interajam, cooperem e participem do mundo na beleza e na complexidade de suas diferenças. Dito de outra forma, ‘*hacceitas*’ (essência) é vazia sem fraternidade.

Somos chamados para algo radicalmente novo, uma atenção ao que nos une e fortalece, o que nos apoia e sustenta como um povo, como uma comunidade, como uma congregação e como um planeta.

Clara de Assis fez de São Damião mais do que um convento. Ela fez disso um lar comum, onde crianças vinham para cura e peregrinos para orar, onde cardeais buscavam conselho e leprosos imploravam por misericórdia. Clara construiu uma casa comum, onde não havia alienígenas ou estranhos, nenhuma divisão por status ou classe. Só existia a caridade recíproca e o bem comum, desenvolvido na oração contemplativa e protegido pela pobreza absoluta, porque Clara sabia que era o amor que movia o sol e as outras estrelas.

É o amor que nos une como irmãs e irmãos. Que seja sempre assim para os franciscanos e frades franciscanos de Allegany, no magnífico lar comum que o nosso misericordioso Deus nos deu.

Santa Clara, orai por nós! Amém.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**David B. Couturier, da Orden dos Frades Menores, Cap.,** é Diretor do Instituto Franciscano, Professor Associado de Teologia e Estudos Franciscanos e Diretor de Planejamento Universitário da Universidade de St. Bonaventure em Olean, Nueva York, com títulos em psicologia clínica, assessoria pastoral, análise socioambiental e estudos de desenvolvimento organizacional, ele explora a intersecção dos estudos franciscanos com a psicologia da vida organizacional.